UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
NEAD – NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA
CURSO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA DE OLIVEIRA FONTENELLE

# MÍDIAS TRADICIONAIS: O USO DE IMAGENS NAS AULAS DE HISTÓRIA

São João del-Rei

2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO JOÃO DEL-REI
NEAD – NÚCLEO DE ENSINO A DISTÂNCIA
CURSO DE MÍDIAS NA EDUCAÇÃO

ROSÂNGELA DE OLIVEIRA FONTENELLE

# MÍDIAS TRADICIONAIS: O USO DE IMAGENS NAS AULAS DE HISTÓRIA

Trabalho de conclusão do curso de Especialização em Mídias na Educação da Universidade Federal de São João del-Rei, apresentado como requisito para obtenção do título de Especialização em Mídias na Educação, sob a orientação da Profª. Dra.Joana Alves Fhiladelfio

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Drª Joana Alves Fhiladêlfio– Orientadora
UFSJ

_____

Jornalista Mestre Cibele Aparecida de Moraes

São João del-Rei

2019

**RESUMO**

Emum real embate acerca das melhores metodologias a serem usadas na educação, há o dilema entre o que pode ser considerado ultrapassado e a importância da tecnologia na sala de aula. Na disciplina de História, que vislumbra o passado e o presente, a metodologia a ser utilizada é de vital importância para uma prática de ensino-aprendizagem bem-sucedida. Por trabalhar com conceitos do ontem e do hoje, necessita-se, nas aulas de História, o uso de diversas fontes de informações, as de ontem e as do hoje. É impraticável compreender a evolução de ideia e costumes sem a análise e interpretação das ações e obras humanas ao longo das eras. Assim, o uso de imagens e obras de arte em História é ferramenta valiosa que além da contextualização do período estudado, fomenta a capacidade crítica e de análise dos alunos. Entretanto, o uso de uma obra de arte não se dá apenas em sua mera exposição, é necessário preparação para que da mesma, retire-se o maior número possível de dados, interpretações e percepções. Há muitas escolas, e várias delas enfrentam a carência de recursos, então, como proposta, para unir Arte e História, as metodologias ativas na aprendizagem surgem como valioso recurso e ponte entre o ontem, o hoje, o mundo virtual e a linguagem das atuais gerações.

**Palavras-chave:** História. Arte. Imagem. Educação. Metodologias Ativas**.**

**ABSTRACT**

In a real clash over the best methodologies to be used in education, there is the dilemma between what can be considered outdated and the importance of technology in the classroom. In the discipline of History, which glimpses the past and the present, the methodology to be used is of vital importance for a successful teaching-learning practice. By working with concepts of yesterday and today, in History classes, the use of diverse sources of information, those of yesterday and those of today, is needed. It is impractical to understand the evolution of ideas and customs without the analysis and interpretation of human actions and works throughout the ages. Thus, the use of images and works of art in History is a valuable tool that, in addition to the contextualization of the studied period, fosters students' critical capacity and analysis. However, the use of a work of art is not only given in its mere exposure, it is necessary to prepare for it, withdraw as many data, interpretations and perceptions as possible. There are many schools, and several of them face the lack of resources, so as a proposal to unite Art and History, the active methodologies in learning emerge as a valuable resource and bridge between yesterday, today, the virtual world and the language of the current generations.

**Keywords:** History. Art. Image. Education. Methodologies.

## SUMÁRIO

**1 INTRODUÇÃO** ..... 7
**2 A ARTE NA GÊNESE DA HISTÓRIA HUMANA:REVISÃO DE LITERATURA** ..... 9
2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE ARTE ..... 11
2.2 O USO DA ARTE NO ESTUDO DA HISTÓRIA ..... 13
2.3 ANALISANDO OBRAS DE ARTE ..... 17
**3 A MÍDIA IMPRESSA E SUA IMPORTÂNCIA NO EDUCAR E NO APRENDER** ..... 19
3.1 METODOLOGIAS ATIVAS COMO ALTERNATIVA ENTRE O TRADICIONAL E O CONTEMPORÂNEO ..... 21
**3.1.1 Sala de Aula Invertida** ..... 25
**3.1.2 Aprendizagem baseada em problema – pbl** ..... 26
**3.1.3 Aprendizado por Pares** ..... 27
**4 CONSIDERAÇÕES FINAIS** ..... 28
**Referências** ..... 29

## 1 INTRODUÇÃO

Já no alvorecer da civilização, a humanidade procurou compreender o mundo e o seu lugar no nele. A arte rupestre foi uma das formas como o ser humano buscou estabelecer esta compreensão e hoje são fundamentais para entender aquele momento histórico e como a humanidade evoluiu até aqui, atestando e registrando a capacidade de adaptação ao meio bem como sua transformação. (JUSTAMAND *et. al*., 2017)

Todavia, ao longo das eras, esta compreensão do mundo foi se modificando e com ela a forma como o ser humano se expressava, no sentido de como este percebe seu contexto e o imagina. Como aponta Biesdorf e Wandscheer (2011), a arte "pode ser considerada como sendo uma necessidade de expressão do ser humano, surgindo como fruto da relação homem/mundo." Desenhos, pinturas, hieróglifos, símbolos, danças, músicas, todos estes conhecimentos serviram justamente para revelar a capacidade de leitura e interpretação de vários momentos da civilização sobre a sua realidade no mundo.

Fato inegável é que sem a Arte (a música, a dança, a pintura, o teatro, a escultura) a relação do homem com o seu mundo não seria a mesma, sendo que, para o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, a arte é uma expressão "inerente a vida" (FORCINITO, 2011).

O estudo de Arte não pode ser considerado como mera recreação, passatempo ou apenas uma disciplina para "completar" o currículo. Tampouco suas produções devem ser vistas como "enfeites" para dias festivos ou complementos de atividades realizadas na escola. Infelizmente, na prática docente, é assim que a disciplina de Arte é muitas vezes tratada. Há o questionamento de sua importância, bem como a facilidade de supressão das aulas em nome de alguma reunião de última hora ou em substituição para outra disciplina de "maior importância".

Ao longo das décadas, a realidade do ensino da Arte tem refletido a pouca preocupação e valorização dela. Em 2016, o governo brasileiro promulgou a lei n° 13.278 (BRASIL, 2016) que inclui na grade curricular a obrigatoriedade das artes visuais, dança e música. Fato que pode transformar a realidade do estudo de artes

no Brasil, e seu justo reconhecimento como disciplina importante para o processo de ensino-aprendizagem.

Para a consolidação de Arte, além da formação adequada de professores para atendimento à lei, busca-se também uma estruturação do currículo da disciplina que ultrapasse a mera produção ou reprodução de conteúdo sem que os alunos possam compreender e associar seus significados (CUNHA, 2012).

O auxílio do estudo de Arte, de forma a capacitar a reflexão crítica e interpretativa dos alunos, pode ser uma ferramenta valiosa para o momento crítico que a educação brasileira enfrenta. Notória é a informação que nos exames internacionais o Brasil ocupa os últimos lugares em comparação a outros países. Associada a esta realidade, ainda se encontram problemas estruturais nas escolas públicas, falta de professores ou mesmo professores sem a qualificação devida ministrando conteúdos, sem o necessário conhecimento específico.

Aliado a isso, hoje, os métodos pedagógicos são alvos de crítica acerca de sua eficácia.  O momento presente pede uma mudança nas estruturas educacionais visando à construção de uma sociedade mais justa e menos desigual.

Assim, por meio de pesquisa bibliográfica, este trabalho analisa a importância da Arte como ferramenta pedagógica de leitura do mundo e da realidade, estabelecendo um processo crítico e dialógico com o mundo. Em um primeiro momento, será observado, ao longo das eras e por meio de uma linha do tempo, a evolução do conhecimento artístico. Depois, a importância do estudo da Arte e sua utilização nas aulas de História como complemento midiático, ao lado do uso das metodologias ativas como uma ponte entre metodologias, eras e linguagens dentro da sala de aula

## 2 A ARTE NA GÊNESE DA HISTÓRIA HUMANA:REVISÃO DE LITERATURA

Houaiss e Villar (2001) definem arte como “conjunto de meios e procedimentos” para obtenção de certas “práticas” ou objetos. Já Abbagnano (2007) conceitua arte como “regras”, “atividades humanas ordenadas”, “prazer que acompanha as representações”. Nessas definições, pode-se perceber a arte como um conjunto de regras, disciplina própria, um meio, uma representação. Ainda que possam existir muitas outras definições, a arte ocupa um lugar próprio (mas não isolado) dentro do conjunto dos fazeres humanos.

A Arte parece caminhar em conjunto com a própria história da civilização (FERRARI, 2018). Na pré-História (40.000 a.C. a 4.000 a.C.), a representação e produção artística da humanidade se baseava nas observações diárias, animais, caça, natureza. Na Arte Egípcia (3.000 a.C. a 30 a.C.), observa-se uma preocupação com a dinâmica do movimento, dos símbolos, da representação do divino e do humano e seus respectivos graus de hierarquia. Na Arte Grega (1.100 a.C. a 1 a.C.), enfatizam-se a beleza das formas, a geometria e, sobretudo, o corpo humano como tema da beleza e precisão. Na Idade Média (1.150 d.C. a 1.520 d.C.), a produção artística representa o poder divino e a condição humana diante dele.

Continuando esta linha do tempo até os dias atuais, percebe-se que a produção artística se manifesta como registro da presença da humanidade, suas perspectivas, anseios e dilemas. Assim, a Arte é pertencente mesmo a natureza da espécie humana, é linguagem que se manifesta e comunica.

Como disciplina específica, no Brasil, ela foi introduzida em 1971 por meio da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB (PAULA E SILVA, 2015). Naquele contexto não havia professores capacitados em número para atender a demanda e nem a extensa capilaridade de escolas públicas como existem hoje, tampouco um currículo fora definido para a nascente disciplina. Assim, sua eficácia e potencial foram enormemente tolhidos.

> Dessa maneira, perdeu-se o potencial de desenvolvimento de habilidades referentes à linguagem corporal e sensibilidade, com o desenvolvimento apenas de atividades de execução. Na tentativa de capacitar os professores, o governo ofereceu curso aos educadores da educação básica, uma formação, para cumprir a LDB 5.692/71,

> assim afirma o Parecer do MEC n. º 540/77: [...] as escolas deverão contar com professores de Educação Artística, preferencialmente polivalente no primeiro grau. Mas o trabalho deve-se se desenvolver sempre que possível por atividades sem qualquer preocupação seletiva (PAULA E SILVA, 2015, p. 13).

Na década de 80, surge o livro didático específico para o ensino de Arte, foi também neste período que surgiu a “abordagem triangular” que devido ao contexto histórico, luta pela redemocratização, enfatizou que o estudo de Arte fosse pautado em três aspectos: apreciar, fazer e contextualizar (PAULA E SILVA, 2015, p. 16).

Interessante notar, como apresentado anteriormente, esta característica essencial da arte como a de ser o “espírito” do seu tempo. Há um termo em alemão para conceituar este “espírito” que é *zeitgeist*, entendido como o espírito do tempo que se traduz em toda uma sociedade, moda, alimentação, costumes, ideologias (WAGNER, 2014). A arte representa o *zeitgeist* de toda a civilização, pois de forma dialógica representa cada momento dela, e ela como um todo.

Retornando à “abordagem triangular”, percebe-se o estudo de Arte modificando-se devido ao contexto social, a fase de redemocratização nos anos 1980. Apreciar, fazer e contextualizar promove os respectivos processos de interpretar, criar e relacionar, no sentido de não promover um fazer “copista”, mas promover a criticidade e autonomia.

Também, no caminho de Arte no Brasil, a contribuição da Constituição de 1988 não por si mesma, mas pelas discussões acerca das mudanças que a mesma ensejou, culminando nas Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, em 1996 (PAULA E SILVA, 2015), na figura abaixo é possível perceber este processo de elaboração e reelaboração do estudo de Arte no Brasil.

**Figura 1 – Propostas de Ensino de Arte**

| | |
|---|---|
| PL 1258 – A/1988 (apresentado pelo Dep.Octávio Elísio) | Não constam artigos referentes ao ensino de Artes. |
| SUBSTITUTIVO JORGE HAGE (dez./1988 – jun. /1990) | Cap.VII, Art. 35: "O ensino da arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética, respeitadas as especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas". |
| PROJETO DARCY RIBEIRO PL 67/1992 | Não constam artigos referentes ao ensino de Artes. |
| LDB (Lei 9394/1996, sancionada em 20/12/1996) | Art. 26, § 2º: "O ensino de Arte constituirá componente curricular obrigatório, nos diversos níveis de educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos." |

Fonte: LARA, 2018, p. 933.

A lei número 9.394 de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional determina que "as artes visuais, a dança, a música e o teatro são as linguagens que constituirão o componente curricular [...] (BRASIL, 1996), ratificada pela lei número 13.278 de 2 de maio de 2016 (BRASIL, 2016). Some-se a estas legislações os Parâmetros Curriculares Nacionais sobre a Arte (BRASIL, 1997, p.1):

> A educação em arte propicia o desenvolvimento do pensamento artístico, que caracteriza um modo particular de dar sentido às experiências das pessoas: por meio dele, o aluno amplia a sensibilidade, a percepção, a reflexão e a imaginação. Aprender arte envolve, basicamente, fazer trabalhos artísticos, apreciar e refletir sobre eles. Envolve, também, conhecer, apreciar e refletir sobre as formas da natureza e sobre as produções artísticas individuais e coletivas de distintas culturas e épocas.

## 2.1 A IMPORTÂNCIA DO ESTUDO DE ARTE

Não há processo educativo sem o mundo que determina e contextualiza o homem. A Arte reproduz esta determinação do mundo no sentido dos fazeres humanos, marcando a marcha humana e mostrando, nem diferentes contextos, como o ser humano percebe as diferentes coisas ao seu redor, como as usa, como as idealiza.

Neste sentido, o professor de Arte trabalha com pessoas que sentem e percebem o mundo, conforme aponta Ribeiro (2013, p. 21):

> por meio da arte o professor pode trabalhar com a sensibilidade, a possibilidade de relação criativa com o mundo, estimulando a expressão e reforçando o Eu de cada indivíduo, ampliando a consciência de suas potencialidades, a consciência do meio e a das possibilidades de atuar sobre ele.

Há uma peculiaridade no trabalho com o ensino de Arte, ela não se radica apenas no aspecto cognitivo do aluno. Na Arte, o eu sensorial ou eu sensível, o que sente, percebe e deseja aflora, pois é necessário este processo sensível para as habilidades de apreciação, interpretação, criação e contextualização. Não é apenas, ou sobretudo, um fazer “racional”, mas parte integrante da experiência do indivíduo.

Nisso, em todo o processo de ensino-aprendizagem, a Arte torna-se ponto central para o trabalho com as emoções e formação de cultura. É um trabalho que, associado a outros conteúdos, pode englobar o aluno de forma totalizadora, pois parte da existência humana e suas experiências (RIBEIRO, 2013).

O estudante de Arte não vai apenas saber uma linha de tempo, escolas, períodos e técnicas, é chamado (e provocado) a pensar e sobretudo sentir sobre cada informação, relacionando e posicionando-se. Neste sentir, o caminho de descoberta do eu se faz.

O estudo de Arte, para a criança, é considerado importantíssimo para a o desenvolvimento e ampliação de sua capacidade expressiva, criatividade e percepção das outras realidades do mundo como as outras pessoas, processos e sistemas como a ação humana e a ação da natureza (COLETO, 2010).

Ainda que Coleto (2010) entenda que a Arte é sentida de forma distinta por crianças e adultos, em que os adultos se conduzem na procura de uma estética e as crianças em uma forma de expressão; ambas percepções traduzem o sentimento do eu frente ao mundo.

Na infância, fazendo um possível paralelo com o início da civilização humana, a criança inicia sua reprodução do que sente e percebe no mundo.

> É nesse período que a criança inicia suas garatujas, ou seja, quando manifesta de forma gráfica, sonora ou corporal o que está sentindo, o que conseguiu “pesquisar” no ambiente. É importante ressaltar que as garatujas não são apenas gráficas, pois os pequenos também podem explorar materiais sonoros e o próprio corpo para se expressarem, como quando fazem movimentos com a boca e

> produzem sons ou quando montam e desmontam pilhas de caixas por prazer. Em todas essas situações estão pesquisando o que existe ao seu redor e o que podem fazer (COLETO, 2010, p. 4).

Nesse sentido, ressalta-se a importância do estudo de Arte como veículo de expressão da percepção, na qual, com o tempo, todo o referencial teórico e metodológico de interpretação e produção serve como suporte à expressão artística, não devendo suplantar a capacidade criativa do eu-artista. Por isso, cabe aos professores avaliar não o produto final de uma atividade em Arte, mas sim o processo todo (COLETO, 2010).

É necessário que as aulas de Arte tenham sentido na produção artística, onde, para a expressão livre do eu, a relação de confiança entre professor e aluno se estabeleça de forma livre e respeitosa. Os alunos só conseguirão expor sua sensibilidade e criatividade quando o ambiente respeite o seu ser. Nisto, o ambiente preparado e a diversidade de materiais e expressões como a dança, música e teatro podem contribuir para que o aluno se identifique e envolva-se de forma plena.

## 2.2 O USO DA ARTE NO ESTUDO DA HISTÓRIA

A realidade não é apenas vivenciada de forma objetiva (SILVA, 2009), tampouco delimitada pela virtualização massiva da Revolução Tecnológica na qual vários processos de apreensão do mundo são permutados por *pixels*[1] que intencionam substituir plenamente o objeto físico.De outra forma, elementos diversos de mídia como a Arte (o desenho e a pintura) são muitas vezes considerados anacrônicos, antigos e distantes da “linguagem” da atual geração.

Todavia, como apresentado na Introdução deste trabalho, a importância do estudo da a Arte em suas variadas formas como as imagens e símbolos das gerações passadas torna-se assaz interessante. Na construção do entendimento do que é o tempo, e da percepção simbólica da “linha” dos acontecimentos passados, a tecnologia com seu dinamismo e velocidade simplesmente não existiam como é apresentada hoje, coube a civilização representar e registrar sua realidade (ou sua perspectiva ideal de realidade) de diferentes formas. Símbolos, gravuras, desenhos, pinturas; aspirando externalizar fisicamente uma percepção da realidade ou de

[1] O menor ponto de uma imagem digital.

mundo. É no estudo da história, que o mundo se desvela como história de toda a humanidade, e não apenas deste ou daquele povo.

> Através da história adquirimos conhecimento de fatos passados e como eles influenciam nas ações de nosso cotidiano, ao mesmo tempo a história apresenta como o passado pode desenvolver diferentes tipos de influências, variando de localidade a outra. Nesse sentido,podemos considerar a disciplina de história é um aprendizado de fatores sociais e coletivos, que podem desenvolver no aluno o respeito às diversidades culturais. O entendimento e aceitação das várias diferenças existentes entre as pessoas são essenciais para construirmos um mundo mais humanizado (MIRANDA; SCHIER, 2016, p. 35).

Estes registros passados, exemplificados na arte, são as vozes (olhares e mãos) do passado, que com sua subjetividade e sensibilidade, deixaram à sociedade contemporânea uma possibilidade de repetir, vivenciar e ressignificar o testemunho original. E isto não é apenas uma exclusividade das gerações anteriores, hoje, tal testemunho no tempo e na história se repete utilizando-se desde os mesmos recursos (tinta e tela) até os mais novos meios digitais.

Para compreender o mundo atual, mister é decodificar todas as suas formas de expressão (ou recursos midiáticos), pois o dinamismo e a diversidade produzem novas formas de ser e sentir (BARBOSA; COUTINHO, 2011). Para compreender o ontem, além dos textos escritos, esculturas, feitos e modas, a imagem serve como mediadora de impressões e sentidos entre o ontem e o hoje. Tornando muitas vezes um texto algo vivo, permitindo à mente a viagem, o fluir para outras épocas, excitando os sentidos para além do presente, como um resgate do ontem no hoje.

> Aprender a interpretar símbolos torna-se cada dia mais importante afinal, vivemos na era da tecnologia um tempo em que as informações são constantes, e a todo momento somos bombardeados por notícias e imagens de todos cantos do mundo, nesse contexto ensinar história não pode resumir-se a análises simples e descontextualizadas de figuras de livros didáticos, devemos levar nossos alunos a questionar e desconstruir aquilo que eles veem. Como educadores devemos analisar como o conteúdo que trazemos pode ajudar nossos alunos, procurando saber como eles interpretam a realidade que o cercam. O ensino de história com o uso da imagem deve ser feito de forma significativa, o educando deve ser levado a questionar de forma consciente as possíveis intencionalidades do registro e ter em mente que nenhum documento possui neutralidade (LITZ, 2009, p. 1).

Litz (2009) argumenta a não neutralidade do registro histórico, pois, como apresentado, traz a marca do seu tempo, cultura, ideologia e visão de mundo. Cabe ao docente no ensino da disciplina de História, revisitar os objetos (símbolos) e a arte como pontes entre o narrado e o imaginado, no sentido de que a imagem pode despertar em seus alunos percepções diversas e aguçar a imaginação criativa, suscitando uma aprendizagem além do texto, integradora e significativa.

A contemporaneidade, com todos os seus recursos midiáticos, com sons marcantes, cores chamativas, animações criativas, provoca a necessária mudança metodológica no fazer docente. Um fazer não pautado em repetições e memorizações de datas, nomes e feitos. Um fazer docente que desperta a busca na compreensão dos motivos e forças históricas que atuaram e convergiram para que situações ocorressem. Nisso, novamente, os recursos de imagem e símbolos, além do texto escrito, permitem que a mesma exacerbação dos sentidos que ocorre nas mídias atuais, possa ser (mediado e provocado) na mente do estudante ao ver telas que retratam (ao seu modo) os mesmos fatos e personagens (vítimas ou impulsionadores) das forças históricas que ele estuda em determinado período.

> Em sala de aula o professor deve fugir de uma visão tecnicista, maçante e alienante do ensino de história usando para isso recursos dinâmicos como vídeos, filmes, slides, fotografias etc. O uso de imagens auxilia no entendimento e interpretação da história, da vivência de épocas diferentes, sendo uma excelente fonte de pesquisa em virtude de sua riqueza detalhes e informações, nos possibilita interpretar, e não apenas decorar. Esse tipo de proposta favorece um aprendizado interativo, prazeroso possibilitando o posicionamento crítico mediante os acontecimentos da nossa sociedade (LITZ, 2009, p. 1).

Obviamente não se espera que o docente faça uma mera exposição do conteúdo artístico, apresentando a produção como um elemento a mais do conteúdo estudado. Espera-se que a utilização seja conduzida por meio de um conhecimento prévio do objeto, sua produção, autor, objetivo pretendido, ideia que defende ou representa.

> Quando trazemos essas imagens para sala de aula devemos propor aos alunos questioná-las, por exemplo: O que esses homens queriam mostrar? Como gostavam de passar o tempo? Como se alimentavam? Em fim fazer uma série de perguntas para que reflitam sobre as imagens, sobre a beleza e intencionalidade desses

> desenhos, esse certamente é um excelente exercício reflexivo (LITZ, 2009, p. 1).

O passado distante para o homem contemporâneo pode e deve ser revisitado do humano pelo humano, por meio do símbolo, produção, ou objeto que apela aos sentidos. Não seria possível à humanidade hoje o gozo de um número significativo de artefatos ou métodos sem que antes, no passado, não houvesse pessoas que buscassem a solução para problemas pessoais ou coletivos.

> Na aula de História, torna-se necessário enfatizar o que existia no passado e já não se possui, bem como propor exercícios de comparação entre realidades passadas mais próximas da que se tenta compreender ou mesmo realidades contemporâneas e entre si diversificadas. De modo a clarificar esta ideia, pode-se, por exemplo, tentar compreender a Revolução Industrial relativamente às condições sociais dos proletários, e propor um exercício de ponderação entre o que foi ganho nessa altura em contraponto com o trabalho manufatureiro, bem como aquilo que se perdeu com a produção industrial. Em paralelo e em maior grau de complexificação, pode tentar-se compreender como este movimento teve repercussões no tempo Presente e perspectivar como será o Futuro, traçando-se os diferentes cenários quer face ao Passado que se estuda, ao Presente que se possui e ao Futuro que se deseja (CHAMINÉ, 2017, p. 15).

O objeto artístico, a imagem, surge então como o texto transcendido, em movimento, dinamizado pela subjetividade de quem o produziu e de quem o aprecia. Este trabalhar com os sentidos, com a imagem, auxilia até mesmo o docente na busca de alternativas que tornem o processo de ensinar prazeroso aos alunos (VILLAÇA, 2014). Depois de horas de leitura ou a exposição de um tema específico durante a aula, a imagem permite tornar viva aquelas palavras até então assimiladas como “algo que já aconteceu”, do “passado”, que “não tem utilidade”. Essas percepções sobre a História e muitas vezes sobre a própria escola são fruto de um ensino que não provoca os sentidos, não desperta a curiosidade pondo em movimento o acontecimento ou determinado saber (CAPARRÓS-LERA; ROSA, 2013). Na falta desse “movimento” que uma pintura pode provocar no observador, os conteúdos estudados têm, via de regra, dois caminhos: o ser memorizado (e não entendido) para a avaliação, ou, o ser ignorado no mesmo instante em que é

apresentado, pois o estudante não logra relacionar o acontecimento com um movimento que impressione a mente, tornando-se assim, aquele saber, estéril.

## 2.3 ANALISANDO OBRAS DE ARTE

Litz (2009) faz uma série de observações importantes, elencando um conjunto de procedimentos metodológicos para a análise de uma pintura durante o ensino de História. Itens com procedência, finalidade, tema, estrutura e simbolismo são importantíssimos para a tarefa. De outra forma, além da mera apresentação da imagem, e da preparação prévia do docente, é necessário que a própria análise da obra provoque e conduza o estudante para desdobramentos que aprofundem o momento e remetam a novas associações em relação a outros conteúdos.

> Assim, quando somos colocados frente a um material iconográfico, precisamos refletir: um ícone possui ideias, foi produzido por alguém, com determinado objetivo. Isso pode estar claro, ou não, quando vemos uma imagem. Portanto, é preciso que se busquem pistas no contexto social, político e ideológico da época em questão, para que possamos questionar e entender as ideias veiculadas pelo seu autor (LITZ, 2009, p. 19).

Analisar uma pintura é um exercício que utiliza a objetividade e subjetividade, pois além dos possíveis elementos óbvios (ou visíveis) e aqueles apresentados pelo professor, há espaço para as reações emocionais e entrelaçamentos imagéticos que se farão, dentro da singularidade de cada observação. Sobretudo, é necessário trabalhar “o exercício de analise para que o aluno possa refletir e analisar e assim fazer uma leitura mais crítica” (LIS, 2008, p. 19), permitindo ao aluno a capacidade de construção do sentido, ressignificação e liberdade criativa para as suas próprias produções, caso deseje. Amorim e Silva (2016, p. 173) entendem o uso de imagens nas aulas de História como “uma ferramenta que viabiliza a compreensão dos conteúdos pelo aluno, despertando nele o senso crítico e o interesse por novas leituras a respeito de diversos assuntos”. Já Giani (2010, p. 285) quer que o estímulo visual das imagens configure-se como “educação dos sentidos”, sendo essa “tão importante quanto a educação do entendimento”. Nascimento (2012, p. 11) percebe a junção da narrativa histórica e a exploração iconográfica como uma forma de o estudante dar “funcionalidade ao que aprende”.

> As maneiras de ler e interpretar uma obra de arte diferem de pessoa para pessoa, mas o professor pode produzir um caminho para munir os seus alunos de informações e detalhes para produzir uma leitura de imagem mais ampla e profunda, abordando novos detalhes e novas informações.A leitura de imagem, assim, oferece caminhos para a pluralidade de ideias e ideologias coexistirem em um mesmo ambiente administrado pelo professor (LITZ, 2009, p. 19).

O trabalho de análise (ou leitura) das imagens, que estão presentes na maioria dos conteúdos escolares, não se limita apenas a uma ou outra disciplina, ou exclusivamente na Arte ou História. A capacidade de interpretação da imagem auxilia outros temas, oferecendo uma perspectiva interdisciplinar.

> Considerando que a arte é a própria dinâmica do fenômeno artístico, a interdisciplinaridade no mundo contemporâneo tem sua importância e seus desafios, e para que se desenvolva no espaço escolar, relacionar saberes se faz necessário, de modo a promover o encontro entre teoria e a prática, visto que a arte trabalha com os mais diversos significados da expressão humana, estreitando relações do cotidiano (CALDAS, *et. al*., 2017, p. 166).

De forma geral, permitir a construção do pensamento crítico por meio de uma leitura da realidade, parte, necessariamente, de que escola ofereça estes subsídios e ajude no processo de analisar e interpretar. A capacidade de ler as imagens e interpretá-las torna-se, então, ponto a ser desenvolvido de forma integrada entre os conteúdos estudados.

# 3 A MÍDIA IMPRESSA E SUA IMPORTÂNCIA NO EDUCAR E NO APRENDER

Além das obras de arte (imagens, quadros e desenhos), há, também, um papel importante no uso da mídia impressa como jornais, quadrinhos, livros, literaturas e o livro didático. O papel não foi abolido do dia a dia na educação e ainda tem o seu valor pedagógico e midiático na socialização da informação e o conhecimento.

O papel possui a grande vantagem de ter uma penetração ampla em diversos locais, democrático, pois circula em diferentes ambientes sociais. De fácil manuseio e arquivamento, permitindo uma ampla gama de registros de diferentes tipos (inclusive os visuais). Requer o manuseio, a operação, o toque.

Na sala de aula, poderá o aluno ter acesso individual ou compartilhado a diferentes tipos de informações impressas sem depender de nenhuma tecnologia para isso. Bastará o toque, a orientação e a criatividade. Mesmo as questões ambientais têm seu impacto minimizado na utilização de material reciclado ou de reflorestamento, bem como a possibilidade de reciclar a própria mídia tornando o papel útil para outras possíveis utilizações. É importante que se assuma este valor, a capacidade de a escola reproduzir na sala de aula as diferentes manifestações artísticas e culturais (ou representações da realidade), promovendo no aluno a capacidade de observar e analisar (CALDAS *et. al*., 2017). As disciplinas escolares (ou conteúdos), mesmo diferentes entre si, relacionam-se com esta realidade do mundo a ser interpretada pelo aluno, o que, novamente, revela o aspecto interdisciplinar no estudo das mídias como um todo.

A confiança cega, ou excessiva, na tecnologia com o instrumento solucionador dos variados problemas na educação traz o preconceito no qual o papel não tem mais serventia e espaço no processo de ensinar e aprender. Trata-se de uma visão que valoriza mais a forma como se transmite um conhecimento do que o conhecimento em si mesmo. Um livro didático ou um *smartphone* não terão êxito quando a informação não é mediada ou construída realmente no processo de aprender, ficando relegada à mera distração momentânea.

Como argumentado na questão do uso de imagens, a mídia impressa não precisa ser trabalhada como única forma ou execrada ao extremo. A realidade tecnológica convida à integração de meios e dispositivos, permitindo que o aluno interaja com um mundo multimidiático, como de fato a realidade o é. Os alunos terão diversas experiências, com diversos meios em sua jornada social, o erro está em coibir a possibilidade de conhecer diversas fontes e formas de conhecimento em nome da normatividade que a modernidade tende a impulsionar, ou seja, apenas a tecnologia como forma válida de acesso à informação. Um exemplo da variedade de informação em uma mesma mídia é o jornal impresso que, apenas em uma folha, pode conter variados símbolos, imagens, gêneros de discurso e pontos de vista.

> O jornal impresso em sala de aula ainda é uma proposta metodológica que se apresenta como recurso de grande adesão e interesse dos alunos. Isso tudo, mesmo frente a tantas outras mídias, que podem ser superficialmente consideradas mais atrativas. Talvez, pelo fato do registro físico do jornal impresso – apesar das versões digitais – ser algo formalizado, que pode ser levado junto e mostrado aos demais sujeitos, o jornal tem boa circulação entre os grupos sociais e escolares (PUNTEL; HOEZEL, 2011, p. 5).

Vale ressaltar que, com advento da tecnologia, o acesso a diversas mídias é facilitado, em geral os jornais impressos estão disponíveis para consulta on-line. O interessante é notar que desde o jardim da infância (educação infantil), a mídia impressa se encontra presente em diferentes cores, formatos e utilizações. Das letras do alfabeto, dos avisos e recados postos no mural, dos animais que enfeitam e exemplificam conceitos abstratos, no trabalho artístico, nas anotações escolares. Fora da escola, nos cartões de visita, *banners*, cardápios, bilhetes e propagandas. Todos as mídias, todos impressos e presentes na vida social, revelando a sua importância de serem trabalhados e decodificados pelos alunos (LEÃO *apud* PUNTEL; HOEZEL, 2011).

A variedade de mídias no educar permite a liberdade no próprio uso e a variedade de fontes, evitando-se a dependência de uma fonte só e com isso a quebra ou fragilidade na tarefa pedagógica quando a fonte escolhida (e que se torna principal) fica, por algum motivo, inacessível. O outro lado, também de grande importância, é evitar a mesmice que a própria tecnologia pode gerar (bem como o uso único e exaustivo) das próprias mídias tradicionais.

> Ao lidar com o apoio dos recursos didáticos, o professor além de estar inovando, não estará mais centrado no tradicionalismo e sim inovando. Ele pode trabalhar com nova didática ao lançar mão de produtos que até poderiam ser considerados ruins ou descartáveis como no caso de sucatas que tem diferentes finalidades como artesanais, decorativas, recreativas e educativas (BORDINHÃO; SILVA, 2009, p. 7).

Também é importante ressaltar a interação cognitiva e sensorial com o meio midiático. Muitas vezes a informação em um meio eletrônico é percebida como algo em algum lugar (e nunca de fato aqui) (FRISON *et. al*., 2000). De fácil acesso, este algo torna-se corriqueiro, sem importância, pois sempre estará neste mundo virtual e distante, ainda que próximo, mas sempre para o aluno indeterminado. O indeterminado aqui é no sentido de que ele pode e não pode estar na tela, dependendo da minha vontade. Já o impresso, o físico, apresenta-se como um "conhecimento aqui", ou seja, o próprio veículo da informação (jornal – revista – livro) confunde-se com a informação, presente, que demanda cuidado, que necessita de guarda por sua fragilidade. O ter um livro nas mãos sugere o conhecimento "coisificado" em objeto presente, de posse ou pronto para ser possuído, guardado e cuidado. Diferenciando-se assim do digital que não demanda atenção e cuidados por dar a ideia de disponibilidade ubíqua, facilitada e que não exige "cuidados".

## 3.1 METODOLOGIAS ATIVAS COMO ALTERNATIVA ENTRE O TRADICIONAL E O CONTEMPORÂNEO

O uso de diferentes metodologias, tradicionais e progressistas, e recursos físicos e digitais nas salas de aula, traz um profundo questionamento sobre a didática como um todo, gerando "mudanças paradigmáticas fundamentais" (PAIVA *et. al*., 2016, p. 145). Tais mudanças surgem com o avanço tecnológico e a marcha das novas transformações na dinâmica social, modificando vários aspectos, desde pequenas mudanças até alterações fundamentais sobre o papel da escola, do professor e do aluno.

> As transformações sociais, econômicas, políticas, culturais e tecnológicas das últimas décadas têm impactado de forma significativa a vida das pessoas, as relações estabelecidas entre

> elas, o mundo do trabalho e, por conseguinte, a escola. Esta última talvez seja a que mais tem sido “sacudida”, dada a solidez histórica de sua estrutura (DIESEL *et. al*., 2017, p. 269).

Com isso, também são profícuas as literaturas sobre o tema, estudos de caso, projetos e toda sorte de tentativas, algumas exitosas, sobre como tornar o processo de educar crítico, atrativo, participativo e correlacional. Já não há a crença que apenas os conteúdos são importantes, mas o próprio processo de como ensinar ganha também importância fundamental (PAIVA *et. al*., 2016). Se é importante o aprender ler e o escrever, assim como o calcular e o raciocinar, também o é, na mesma medida, o processo que provocará o estudante às descobertas e aprofundamentos necessários para que a aquisição do conhecimento se consolide. Há a necessidade de que o professor tenha consciência de que não bastam apenas as disciplinas, mas como serão apresentadas (DIESEL *et. al*., 2017). Atualmente é necessário que o professor não seja apenas um especialista de uma disciplina (como Matemática, História ou Geografia), mas também um especialista em como mediar este mesmo conhecimento, usando uma didática que permite um trabalho interdisciplinar.

Delors (2010), em seu relatório para a Unesco, apresenta quatro bases fundamentais para o processo de ensinar e aprender, de forma que o conhecimento seja uma construção permanente e associável à vida de quem o adquire, e são as seguintes: aprender a conhecer; aprender a fazer; aprender a conviver e aprender a ser.

As intenções deste trabalho convergem para as propostas do relatório Delors, pois percebem que o conhecimento isolado em um livro, uma lousa e na perspectiva expositiva do professor, por si só, pode não atingir a profundidade e solidez necessária para o processo de aprendizagem do aluno.

Percebe-se que o aprender a conhecer engloba o entendimento que a sociedade mudou e evoluiu, que se vivencia mudanças tecnológicas, entre muitas outras, que tornam a vida no presente século singular e diferente das gerações anteriores. Assim, um modelo de escola que persistiu no tempo; lousa, giz e professor, não satisfazem a dinâmica das gerações atuais e nem correspondem a velocidade dos processos, bem como as diversas fontes de conhecimento (que não

só a escola) existentes hoje. É necessário aprender a conhecer no sentido de que a relação com o conhecimento (ensinar e aprender) necessita compreender a sociedade onde o processo de ensino ocorre, sendo isto uma atitude dialógica e relacional.

Percebendo a necessidade de mudar a forma de como a escola se relaciona com o conhecimento, também é importante, como já dito, aprender a fazer ou relacionar este mesmo conhecimento com a vida prática, com o que acontece na escola, em casa e na sociedade. Muitas vezes há uma constante percepção e reclamação dos alunos que o que se aprende na escola não serve para nada, o que pode ser verdadeiro quando o conhecimento está distanciado de qualquer relação ou aplicabilidade na vida do aluno. Desde uma equação matemática até um acontecimento histórico, sem contextualização, se transformarão um simples conteúdo que o aluno deve memorizar até a avaliação e depois esquecer.

Nesta relação entre a teoria e a prática, o que acontece na escola e na sociedade, a socialização do conhecimento é fundamental, pois o saber possui também uma potencialidade para servir à sociedade começando na vida do aluno. Sendo uma construção social, o pensar e o agir, o conhecimento escolar deve vivenciar esta mesma perspectiva, não tornando cada estudante um indivíduo isolado, antes, integrando-o a uma sala de aula que pode (e deve) refletir uma sociedade em todas as suas diferenças, sendo o conhecimento e sua construção um exercício democrático que ultrapassa quaisquer diferenças e estabelece as bases para uma sociedade menos desigual. Assim, o aprender a ser nada mais é que um estudante pronto a viver, questionar, construir e trabalhar em prol de sua comunidade social, aprendendo a ser cidadão, buscando e lutando por seus direitos, em convergência com as necessidades e direitos coletivos.

Como apresentado nos capítulos anteriores, a Arte faz-se presente no cotidiano da vida do aluno como representação multimidiáticada realidade. O mundo, além das letras, revela-se como cor, sons e cheiros. O contato com estas diversas representações, associada à capacidade crítica e analítica trabalhada interdisciplinarmente na escola, ajuda na compreensão do todo. Este trabalho integrador é auxiliado (ou potencializado) em muito pelas Metodologias Ativas que além de integrar a tecnologia, promovem a autonomia do estudante em relação ao processo de aprender.

Desse modo, as Metodologias Ativas são as engendradoras desses novos movimentos na educação, este novo ar que retira a característica de submissão dos alunos e repensa o papel do professor no sentido de mediar e provocar (despertar) para o conhecimento (PAIVA *et. al*., 2016). Associadas à tecnologia e à cultura, a forma de aquisição do saber não pode ser percebida como outrora, há um mundo novo que exige metodologias novas (VALENTE *et. al*., 2017).

O dicionário Aurélio[2] define Metodologia como “a arte de dirigir o espírito na investigação da verdade”, o que pode ser compreendido como o processo de busca e construção do conhecimento mediado por si mesmo ou outrem, por meio de processos que convergirão ao propósito final (o conhecimento). Já como metodologia ativa, é o processo que transforma o estudante em agente dinâmico da mesma metodologia, ou seja, não fica na subordinação ou dependência do professor, mas de forma distinta, torna-se sujeito ativo na busca do conhecimento almejado (DIESEL *et. al*., 2017).

> As metodologias precisam acompanhar os objetivos pretendidos. Se queremos que os alunos sejam proativos, precisamos adotar metodologias em que os alunos se envolvam em atividades cada vez mais complexas, em que tenham que tomar decisões e avaliar os resultados, com apoio de materiais relevantes. Se queremos que sejam criativos, eles precisam experimentar inúmeras novas possibilidades de mostrar sua iniciativa (MORAN, 2015, p. 17).

A imagem abaixo pode ajudar a entender a metodologia ativa e os horizontes que propõe na educação.

---

[2] Dicionário Aurélio. Metodologia. Disponível em: <https://dicionariodoaurelio.com/metodologia> Acesso: 5, fev. 2019.

**Figura 2 – Características das Metodologias Ativas**

**Fonte: DIESEL et. al., 2017, p. 273.**

Como exemplos de metodologias ativas, serão analisados três métodos que já são utilizados em instituições do ensino superior como a Sala de Aula Invertida (*Flipped Clasroom*), Aprendizagem Baseada em Problema (*Problem Based Leanring*) – PBL e o Aprendizado por Pares (*Peer Instruction*) (ROCHA, 2014).

Ressalta-se a importância das metodologias ativas como engendradoras da leitura do mundo e suas diferentes mídias (do texto à imagem). A tecnologia conduzida por um método didático inovador, poderá auxiliar na capacidade do aluno de “ler” o mundo e assimilar seus contextos, nas mais diferentes vertentes performáticas e culturais.

### 3.1.1 Sala de Aula Invertida

Na sala de aula invertida o professor oferece previamente (em formato de vídeo ou texto) os conceitos fundamentais do conteúdo a ser trabalhado. Isto ocorre antes da aula,momento onde o conteúdo será desenvolvido, podendo ser em uma

aula prévia ou usando as tecnologias de vídeo e texto disponíveis (computador, celular, internet).

> Na aula seguinte, os estudantes usam os conceitos apresentados no vídeo - ou que foram previamente estudados, para solucionar problemas com a ajuda do professor e de seus colegas. Assim, o que é entendido como aula no esquema tradicional (a exposição de conceitos) transforma-se em "lição de casa", e a resolução de questões para aprofundamento e sistematização, antes feita em casa, passa a ser uma das atividades em sala de aula (NETO, 2017, p. 13).

Esta inversão, quando o tema é analisado e pesquisado antes da aula e depois desenvolvido pelos alunos na aula destinada a ele, tem a sua perspectiva ativa, pois a participação dos alunos é decisiva em todo o processo. Já não há uma aula longa e expositiva seguida de uma possível lição de casa, e sim, um conteúdo apresentado previamente que provoca o estudante a buscar aprofundar o mesmo e desenvolvê-lo (construção e apreensão) coletivamente. Este conhecimento, nesta dinâmica metodológica, torna o aluno um agente ativo na busca do conhecimento e protagonista na construção do mesmo.

### 3.1.2 Aprendizagem baseada em problema – pbl

Já na aprendizagem baseada em problema, seguindo a mesma lógica ativa da sala de aula invertida, apresenta ao estudante um problema (situação crítica ou questionadora), porém não o resolve para ele. Divididos em grupos, eles terão, por meio da análise e pesquisa, buscar a solução para o problema apresentado pelo professor que mediará todo o processo.

> O PBL tem a sua fundamentação teórica baseada no construtivismo, em que o professor se torna um facilitador para a aprendizagem, cuja qual se fundamenta no diálogo e na interação entre os alunos. Esta metodologia contempla as habilidades de comunicação e trabalho colaborativo em equipes. [...] esse método tem como principal objetivo criar oportunidades para que o estudante possa adquirir e aplicar conhecimentos através de uma sequência de atitudes que incluem etapas prévias ao encontro com o professor e aquelas por ele acompanhadas (NETO, 2017, p. 26).

Neste método ativo, os alunos trabalham em grupos, buscando resolver o problema proposto, e neste grupo, com diferentes habilidades e visões, a construção

do conhecimento e sua consolidação são essencialmente coletivos, momento no qual envolvimento dos estudantes, de forma comunitária (aprender a conviver), são os protagonistas do processo.

### 3.1.3 Aprendizado por Pares

O aprendizado pelos pares é outro método ativo que prioriza a pesquisa e a construção coletiva do conhecimento. Nesse método, o professor apresenta um determinado conteúdo e faz uma espécie de pequeno questionário sobre ele. Caso as respostas deste questionário demostrem que a maioria do grupo compreendeu os conceitos, o professor avança, caso contrário, a sala é dividida em pequenos grupos para que os alunos revisitem o tema e ajudem aqueles que não compreenderam o conteúdo. Logo após a reunião de grupos é realizado outro questionário. Se o resultado for positivo, o professor avança, não sendo positivo, o professor realiza um novo momento para que os alunos se organizem em grupos nos quais possam ajudar-se mutuamente (por isto, o nome aprendizado pelos colegas ou pares) (NETO, 2017).

Os métodos descritos até aqui, como já dito, apresentam-se como ativos, pois todos, em contraposição a metodologia tradicional (que centraliza o conhecimento no professor), deixam o protagonismo para os alunos, fazendo com que os mesmos sejam participantes ativos e não inertes no processo de ensinar e aprender.

## 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode abreviar toda a problemática que envolve a educação brasileira apenas na busca e definição de métodos pedagógicos. Tampouco uma oposição entre o ontem tradicional e o hoje moderno e dinâmico. Ainda que os alunos não sejam os mesmos em relação há vinte ou cinquenta anos atrás, as necessidades são as mesmas: estímulo ao pensamento crítico, criatividade e liberdade.

É importante que a escola se renove, que utilize das tecnologias atuais e corresponda não só aos interesses de seus alunos bem com os da comunidade onde está inserida. É necessário renovar-se. Contudo, a renovação não se faz apenas substituindo elementos, uns pelos outros, acreditando-se que assim, tudo se resolverá. Talvez, não seja uma troca de métodos ou conflito de propostas pedagógicas ou modelos de escola, e sim, uma fusão de elementos midiáticos (novos e antigos) para poder contemplar toda a singularidade e diversidade de cada escola e aluno.

Na disciplina de História não se pode apenas abordar o passado, é necessário revisitá-lo por meio de sons, cores e imagens. A arte e a imagem podem ser importantes auxiliares neste revisitar o passado, tornando o que foi visto, pensado e produzido ontem revisto e ressignificado pelos olhos de hoje. Mesmo assim, deve-se evitar apenas um revisitar eletrônico, mas também buscar um contato físico (real e não apenas virtual). O contato com as obras que revelam o passado ajudam a despertar os sentidos, permitindo que os alunos não só vejam, mas sintam a “textura” do outrora.

O uso das metodologias ativas são propostas que podem inovar o processo de ensinar fazendo ponte entre a necessidade de educar, de aprender, de ver o ontem e o hoje, e de usar diferentes mídias tornando a educação integradora e não excludente da humanidade do passado e do presente.

**Referências**

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

AMORIM, Roseane Maria de; SILVA, Cintia Gomes da. *O uso das imagens no ensino de História: Reflexão sobre o uso e a interpretação das imagens dos povos indígenas*. Revista História & Ensino, Londrina, v. 22, n. 2, p. 165-187, jul./dez., 2016. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/viewFile/26263/20301> Acesso: 5, fev. 2019.

BARBOSA, Ana Mae; COUTINHO, Rejane Galvão. *Ensino de arte no Brasil: Aspectos históricos e metodológicos*. Universidade Estadual Paulista, Rede São Paulo de Formação Docente, São Paulo, 2011. Disponível em: <https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/40427/3/2ed_art_m1d2.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

BIESDORF, Rosane Kloh; WANDSCHEER, Marli Ferreira. *Arte, uma necessidade humana: função social e educativa*. Revista Eletrônica do Curso de Pedagogia do Campus Jataí – UFG, v. 2, n. 11, 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/rir/article/viewFile/20333/11824> Acesso: 5, fev. 2019.

BORDINHÃO, Jacqueline Pintor; SILVA, Elias do Nascimento. *O uso dos materiais didáticos como instrumentos estratégicos ao ensino-aprendizagem*. Portal Revista Nova Escola. 2009. Disponível em: <https://semanaacademica.org.br/system/files/artigos/o_uso_dos_materiais_didaticos_como_instrumentos_estrategicos_ao_ensino-aprendizagem.pdf> Acesso: 25, fev. 2019.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm> Acesso: 12, out. 2018.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais: arte***.** 1997. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro06.pdf> Acesso: 12, out. 2018.

BRASIL. Presidência da República. *Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2016/Lei/L13278.htm> Acesso: 5, fev. 2019.

CALDAS, Felipe Rodrigo; HOLZER, Denise Cristina; POPI, Janice Aparecida. *A interdisciplinaridade em Arte: algumas considerações.* Revista Nupeart, v. 17, p. 161-171, 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/viewFile/9839/7561> Acesso: 5, fev. 2019.

CAPARRÓS-LERA, Josep María; ROSA, Cristina da. *O cinema na escola: uma metodologia para o ensino de História*. Revista Educação em Foco, Juíz de Fora, v. 18, n. 2, p. 189-210, jul./out., 2013. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaedufoco/files/2014/06/7.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

CHAMINÉ, Maria Helena Aldinhas. O ensino da História através das Artes. 2017. 137 f. Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Dissertação (Mestrado em Ensino de História). Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/106832/2/207661.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

COLETO, Daniela Cristina. *A importância da arte para a formação da criança*. Revista Conteúdo, Capivari, v. 1, n. 3, jan./jul. 2010. Disponível em: <http://www.conteudo.org.br/index.php/conteudo/article/viewFile/35/34> Acesso: 5, fev. 2019.

CUNHA, Júlia Maria de Jesus. *Ensino de artes: dificuldades, experiências e desafios.* Revista Eletrônica Revela, Periódico de Divulgação Científica da FALS, a. 6, n. 15, dez. 2012. Disponível em: <http://fals.com.br/revela/REVELA%20XVII/art_exp01_14.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

DELORS, J. Org. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre a Educação para o século XXI. 2010. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS, Silvana Neumann. *Os princípios das metodologias ativas de ensino: uma abordagem teórica*. Revista Thema, v. 14, n. 1, p. 268-288, 2017. Disponível em: <http://revistathema.ifsul.edu.br/index.php/thema/article/view/404/295> Acesso: 5, fev. 2019.

FERRARI. Roberto. *História da Arte*. Portal Colégio São José. Artigos. 2018. Disponível em: <http://www.csj.g12.br/csj_www2/em/2018/salaestudo/1tri/Arte_1ano_HistoriaArte1_Roberto.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

FORCINITO, Christiane. *Breves considerações sobre a arte em Nietzsche*. Portal Revista Parâmetro, abr. 2011. Disponível em: <https://revistaparametro.wordpress.com/2011/04/10/breves-consideracoes-sobre-a-arte-em-nietzsche/> Acesso: 5, fev. 2019.

FRISON, Marli Dallagnol; VIANNA, Jaqueline; CHAVES, Jéssica Mello; BERNARDI, Fernanda Naimann. *Livro didático com o instrumento de apoio para construção de propostas de ensino de ciências naturais*. VII Enpec, Encontro nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, Florianópolis. 2000. Disponível em: <http://posgrad.fae.ufmg.br/posgrad/viienpec/pdfs/425.pdf> Acesso: 25, fev. 2019.

GIANI, Luiz. *Artes, para a Didática da História*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, número especial, p. 283-307, ago., 2010. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/38e/art18_38e.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

HOUAISS, Antônio; VILLAAR, Mauro Salles de. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

JUSTAMAND, Michel; MARTINELLI, Suelly Amâncio; BRITO E SILVA, Soraia Duas de. *A arte rupestre em perspectiva histórica: uma história escrita nas rochas***.** Revista Arqueologia Pública, v. 11, p. 130-172, julho/2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rap/article/viewFile/8648451/1626> Acesso: 5, fev. 2019.

LARA, Ângela Mara de Barros. *A legislação Brasileira para o Ensino de Artes e de Música: 1920 a 1996*. IX Seminário de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario9/PDFs/2.16.pd> Acesso: 5, fev. 2019.

LIS, Elza Aparecida Buenos. *O ensino da Arte e a formação de docentes: ensinando a ensinar*. 2008. 43 f. Portal Dia a Dia da Educação, Secretaria de Estado da Educação,

Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1585-6.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

LITZ, Valesca Giordano. O uso da imagem no ensino de História. 2009. Portal Dia a Dia da Educação, Secretaria de Estado da Educação, Paraná. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1402-6.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

MIRANDA, Liliane de Jesus Nascimento; SCHIER, Dirlei Afonso. A influência do ensino de História na educação infantil e formação do aluno. Revista Educação em Foco, n. 8, 2016. Disponível em: <http://www.unifia.edu.br/revista_eletronica/revistas/educacao_foco/artigos/ano2016/003_influencia_historia_educ_infantil.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

MORÁN, José. *Mudando a educação com metodologias ativas*. Coleção Mídias Contemporâneas, Convergências Midiáticas, Educação e Cidadania: aproximações jovens, vol. II. 2015. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/mudando_moran.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

NETO, Silvio Petroli. Coord. Sala de Aula Invertida. Jaguariúna: UNIFAJ, 2017.

NASCIMENTO, Vanderléia Santos de Jesus. *Ensino de Arte: contribuições para uma aprendizagem significativa*. II Encontro FUNARTE, Fundação Nacional de Artes. 2012. Disponível em: <http://www.funarte.gov.br/encontro/wp-content/uploads/2013/04/artigo-para-submiss%C3%A3o-pela-funarte_Vanderl%C3%A9ia-Santos.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

PAIVA, Marlla Rúbya Ferreira, *et. al*. *Metodologias Ativas de Ensino-Aprendizagem: revisão integrativa*. Revista Sanare, Sobral, v. 15, n. 2, p. 145-153, jun./dez., 2016. Disponível em: <https://sanare.emnuvens.com.br/sanare/article/view/1049/595> Acesso: 5, fev. 2019.

PAULA E SILVA, Gislene Santos de. *A importância do Ensino de Arte no Contexto Escolar em uma escola do Ensino Fundamental*. 2015. 50 f. Monografia (Especialização em Belas Artes), Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Belas Artes, Belo Horizonte. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUBD-A9LEGW/monografia_gislene_2016___c_pia.pdf?sequence=1> Acesso: 5, fev. 2019.

PUNTEL, Michele; HOEZEL, Carlos Gustavo Martins. *O uso do jornal impresso em sala de aula: abordagens no contexto da alfabetização/letramento*. 2011. 15 f. Artigo (Especialização em Mídias na Educação). Universidade Federal de Santa Maria. Disponível em: <https://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/765/Puntel_Michele.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso: 25, fev. 2019.

RIBEIRO, Mariza Sousa. *A importância e valorização da arte-educação nas escolas públicas do Distrito Federal*. 2013. 53 f. Monografia (Licenciatura em Artes Visuais). Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/7097/1/2013_MarizaSousaRibeiro.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

ROCHA, Enilton Ferreira. *Metodologias Ativas: um desafio além das quatro paredes da sala de aula*. Associação Brasileira de Educação a Distância, Textos EAD, 2014. Disponível em: <http://www.abed.org.br/arquivos/Metodologias_Ativas_alem_da_sala_de_aula_Enilton_Rocha.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

SILVA, Flávia Gonçalves da. *Subjetividade: individualidade, personalidade e identidade: concepções a partir da psicologia histórico-cultural*. Revista Psicologia da Educação, São

Paulo, n. 28, p. 169-195, 2009. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n28/v28a10.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

VALENTE, José Armando; ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini; GERALDINI, Alexandra Fogli Serpa. *Metodologias ativas: das concepções às práticas em distintos níveis de ensino.* Revista Diálogo Educação, Curitiba, v. 17, n. 52, p. 455-478, abr./jun., 2017. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/9900/12386> Acesso: 5, fev. 2019.

VILLAÇA, Iara de Carvalho. Arte-Educação: a Arte como metodologia educativa. Cairu em Revista, a. 3, n. 4, p. 74-85, jul./ago. 2014. Disponível em: <https://www.cairu.br/revista/arquivos/artigos/2014_2/05_ARTE_EDUCACAO_METODOLOGIA_EDUCATIVA.pdf> Acesso: 5, fev. 2019.

WAGNER, Christiane. Zeitgeist, o Espírito do Tempo – Experiências Estéticas. Revista de Cultura e Extensão USP, v. 12, a. 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9060.v12i0p21-29> Acesso: 5, fev. 2019.